

ESCREVENDO A HISTÓRIA DO SALVAMENTO NO MAR NA AUSTRÁLIA¹

Ed Jaggard

Universidade Edith Cowan

Perth, Austrália

e.jaggard@ecu.edu.au

Resumo

O debate sobre o salvamento no mar tem sido uma oportunidade para refletir sobre as diferentes formas através das quais a história pode ser escrita e, também, as maneiras pelas quais o historiador pode penetrar na *estória*. Neste artigo, baseio-me em evidências empíricas para contestar Douglas Booth em duas questões fundamentais: o papel da participação feminina no salvamento no mar e a natureza mais ampla da cultura do salvamento no mar. Continuo convencido de que aquilo, que, para Booth e outros, parece uma organização monolítica, disciplinada, conformista e profundamente conservadora, cujas imagens derivam de Nova Gales do Sul e, em particular, de clubes de Sydney, é muito mais complexa do que eles acreditam.

Palavras-Chave: salvamento no mar; Austrália; praia.

Abstract

Writing Australian Surf Lifesaving's History

The surf lifesaving debate has been an opportunity to consider the different forms in which history may be written, and not least the ways in which the historian can intrude on the story. In this article, I draw on empirical evidence to challenge Douglas Booth on two key issues: the role of women's participation in surf lifesaving and the broader nature of surf lifesaving culture. I remain convinced that what appears to Booth and others to be a monolithic, disciplined, conformist and deeply conservative organization whose image largely derives from New South Wales, and in particular Sydney clubs, is far more complex than they believe.

Keywords: surf lifesaving; Australia; beach.

O debate sobre o salvamento no mar tem sido uma oportunidade para refletir sobre as diferentes formas através das quais a história pode ser escrita e, também, as maneiras pelas

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 29, n. 1, primavera de 2002, p. 15-23. Traduzido com autorização dos autores e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte. (Nota do editor)

quais o historiador pode penetrar na *estória*. Doug Booth é um surfista; eu sou um adepto do salvamento no mar (salva-vidas); de acordo com Booth e outros, somos membros de subculturas um tanto diferentes; portanto, as formas pelas quais abordamos o passado, como Murray Phillips demonstrou, refletem isso. Mas isso não é toda a *estória*; pode-se ler as fontes de formas distintas, e meus “enredos românticos” contrastam abertamente com o ponto de vista muito mais “trágico” de Booth. Sejam quais forem as conclusões tiradas do debate e a avaliação dele, sou grato a Murray Phillips e Doug Booth por me convidarem para participar. Ambos me forçaram a pensar com cuidado sobre a produção historiográfica e, através de seus escritos, Booth em particular me desafiou a reavaliar as formas pelas quais tenho analisado a história do salvamento no mar.

* * *

O movimento do salvamento no mar australiano, uma das imagens mais conhecidas da nação, é um corpo sempre diligente em conservar seu status singular nas praias. Organização de serviços voluntária, obteve sucesso ao argumentar que, apesar das fortes evidências em contrário, tem na competição um aspecto secundário, destinado a forjar adeptos do salvamento no mar em boa forma e habilidosos. Contudo, o movimento tem muito mais faces que essas duas², e desde seu início, em 1907, os observadores do salvamento no mar raramente compreenderam sua diversidade. Continuo convencido de que aquilo que, para Booth e vários historiadores, jornalistas e sociólogos, parece uma organização monolítica, disciplinada, conformista e profundamente conservadora – cujas imagens derivam de Nova Gales do Sul e, em particular, de clubes de Sydney –, é muito mais complexa do que eles acreditam.³

Então, primeiro: até que ponto esta imagem dominada por Sydney é útil? Sydney foi

² O salvamento propriamente dito e as competições (NE).

³ Ver, por exemplo, meus textos (1997, 1998).

o local onde a Sociedade Real de Salvamento no Mar (uma organização voltada para águas calmas, como as de lagoas) não obteve sucesso ao reivindicar o patrulhamento das praias e, no processo, produziu seu equivalente para o mar (BRAWLEY, 2000). Essas e outras praias de Nova Gales do Sul, onde se desenvolveram os métodos e competições originais de salvamento no mar, eventualmente se tornaram o berçário de onde emergiu o “Salva-vidas de Bondi”, aquela figura icônica dos anos 1930, 40 e 50 que reapareceu na cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Sydney.⁴ Devido ao papel pioneiro no salvamento no mar, Nova Gales do Sul tem sido o estado australiano com maior consciência da tradição, mas um punhado de clubes de Sydney não é um estado, e Nova Gales do Sul não é a Austrália.

Mais importante, os clubes em si foram, e permanecem, diferentes – únicos, até. Suas origens contrastantes são uma das razões. O nível em que focaram no salvamento no mar e/ou na competição é outra, além de suas tradições e da natureza da praia que patrulhavam. Todos preenchiam os requisitos primários de patrulhamento da praia e das ondas; contudo, deste ponto em diante, estavam livres para se desenvolver como quisessem, e, conseqüentemente, atraíram conjuntos diversos de sócios.

Embora a influência de Nova Gales do Sul e de seus clubes tenha sido ampla até os anos 1940 (eram comuns referências ao estado como o “Centro” do salvamento no mar), a entidade corporativista Associação Australiana de Salvamento no Mar é, há meio século, um órgão nacional.⁵ Cada estado conta com órgão de governança próprio e tem o mesmo peso de voto, independentemente do número de clubes e de membros; conseqüentemente, Nova Gales do Sul pode ser, e frequentemente é, derrotada em questões importantes. O estado e seus maiores clubes não deveriam, necessariamente,

⁴ O resgate em massa feito em Bondi, em fevereiro de 1938, no “Domingo Negro”, também contribuiu para essa imagem.

⁵ O atual órgão federal formou-se em 1949, embora, no início, nem todos os estados enviassem delegados às reuniões, preferindo usar delegados residentes para representar seus interesses.

constituir o padrão a partir do qual todos os demais são avaliados.

Portanto, trata-se de uma organização monolítica de voluntários dedicados? Considere o que Kent Pearson tinha a dizer em 1977:

Na medida em que a Associação de Salvamento no Mar dominou a praia australiana até o fim dos anos 1950, a maioria das pessoas com propósitos sérios em relação ao surfe antes disso ingressou na Associação de Salvamento no Mar. Isso ocorreu a despeito da crescente polaridade entre propósitos divertidos e instrumentais que tinham os surfistas no interior do movimento (PEARSON, 1977, p. 331).

Essa posição tem sido a chave para parte do que escrevi sobre a história do movimento do salvamento no mar antes de 1960. Como Pearson (1977) aponta, a maioria das pessoas seriamente interessadas em surfar (note-se: surfar, e não ser voluntário ou patrulhar as praias) entrou para os clubes de salvamento no mar, onde sua identificação como surfistas-hedonistas, em oposição aos dedicados salva-vidas, causou tensões internas. Em seu estudo pioneiro, Pearson também enfatiza como, antes da Segunda Guerra Mundial, “o uso de pranchas era, em geral, restrito aos membros de clubes de salvamento no mar que baseavam suas atividades numa praia específica”, por exemplo, aquela onde ficava a sede do clube (p. 119).

O que Pearson parece estar reconhecendo é que a subcultura do surfe que identificou em sua pesquisa – uma subcultura com alguns contrastes nítidos em relação ao salvamento no mar –, de fato, existiu no interior do movimento do salvamento no mar por, pelo menos, 50 anos. Então, com a introdução do longboard com quilha, que coincidiu com melhorias no transporte, “um nível maior de consumo” e liberdades pessoais crescentes na sociedade australiana, a subcultura do surfe rapidamente emergiu dos clubes. De forma não intencional, Pearson (1977) fornece uma prova parcial disso quando, ao dissertar sobre as pranchas compridas e ocas, afirma que, “a despeito da dificuldade de usar essas pranchas para descer

ondas, elas eram mais e mais usadas apenas para esse propósito [pelos membros dos clubes] pouco antes da introdução do longboard adequado para descer ondas” (p. 119).



Parada de salva-vidas (adeptos do salvamento no mar) de Maroubra em Bondi Beach, anos 1950. Cortesia de Dupain's Beaches, Chapter & Verse, Sydney.

Naquele momento, aqueles que desciam as ondas com longboards também começavam a olhar além de suas praias de origem, “para experimentar outras ondas próximas (...)” (PEARSON, 1977, p. 120). Isto não ocorreu apenas em Nova Gales do Sul. Suas contrapartes na Austrália Ocidental estiveram entre os primeiros a surfar Yallingup, no

sudoeste deste estado, assim como Cable Station, Dutch Inn e Trigg Point, todos em Perth. Os “surfáris” se tornavam realidade nos anos 1950, e, frequentemente, os desbravadores eram membros dos clubes (PEARSON, 1977). Sua presença nos clubes raramente foi reconhecida, porque o salvamento no mar sempre foi muito cioso de sua imagem (de “guardião das praias”). A identificação, por Pearson, de surfistas pertencentes aos clubes sugere a necessidade de se entender com clareza as motivações daqueles que adentravam as portas das sedes à beira-mar.

Sempre houve membros para os quais o salvamento no mar, o patrulhamento das praias e a camaradagem de pertencer a um grupo foram o mais importante – a quintessência de ser salva-vidas. Outros aderiam por razões distintas. Aqueles que patrulhavam e que participavam de competições intra e extraclube (estas, os festivais de surfe) aproveitavam tanto o voluntariado quanto as várias formas de competição, que abrangiam um leque amplo de habilidades. Além disso, devido às oportunidades proporcionadas pelas competições, o salvamento no mar sempre atraiu membros para os quais as patrulhas eram uma obrigação enfadonha, a ser evitada sempre que possível, ou passada adiante a um substituto, para que pudessem se dedicar ao remo, à *remada*,⁶ corrida na areia e natação. Por fim, em todos os clubes, até o final dos anos 1950, ou mesmo depois, havia membros que eram adeptos do surfe – hedonistas, de peito, de prancha de peito, das pranchinhas e de esquis – e cujas vidas na praia eram dominadas pelo surfe.⁷

Os surfistas-hedonistas são um dos pontos principais da recém-inaugurada exposição *Watermarks*, no Museu Marítimo Australiano, em Sydney. Ela inclui a observação de que, antes dos anos 1950, os clubes de salvamento no mar eram a casa do surfe na Austrália. Suas sedes e vizinhança às vezes se transformavam em locais de trabalho artesanal, onde os

⁶ Movimento em que, deitada sobre a prancha, a pessoa movimenta os braços para impulsioná-la. (NE)

⁷ Até certo ponto, mesmo os remadores em barcos viam as embarcações dos clubes como material para ser usado em longas sessões de surfe. Ver Jaggard (1997).

membros e seus amigos construía, modificavam e faziam cuidadosa manutenção dos equipamentos de surfe – especialmente pranchas e esquis.⁸ Para esses membros, que formavam grupos bem definidos em alguns clubes, patrulhas e competição com frequência significavam um desvio de seu interesse principal: surfar. Não obstante, desde que pagassem suas mensalidades e cumprissem razoavelmente as obrigações de patrulha, eram bem-vindos.

Mudando agora para o tema disciplina e conformidade, Booth me criticou por subestimar a intensidade em que o salvamento no mar os reforçou. Durante a primeira metade do século XX, os adeptos do salvamento no mar vivenciaram a cobrança de disciplina e obediência principalmente enquanto treinavam para o importantíssimo teste do Medalhão de Bronze, passaporte para patrulhar as praias e participar das competições interclubes.⁹ O treinamento levava algo entre um e dois meses, mas, depois disso, fora as obrigações de patrulhamento, os membros eram praticamente livres para se divertir como quisessem. Como Sean Brawley (1995, 1996) mostrou em suas histórias dos clubes Collaroy e Palm Beach, a disciplina era pouca ou nenhuma e a conformidade a um padrão específico de comportamento ou de visual era difícil de atingir, pois havia padrões diversos entre os vários grupos de membros. Nesse ambiente, não é surpresa que surfistas-hedonistas convivessem com membros dedicados e cumpridores das regras, para os quais as patrulhas eram a razão de ser.

O grau de conformidade também pode ser mal compreendido, pois o salvamento no mar tem sido pródigo em disfarçar as tensões internas e acomodar os muitos “rebeldes” que constantemente desafiaram sua autoridade. A história do clube North Cottesloe (Austrália Ocidental [WA, na sigla em inglês]), no prelo, inclui uma descrição viva de uma das muitas

⁸ Tudo isso foi retratado no filme *Thrills of the Surf* (Cinesound, cerca de 1949).

⁹ O intervalo entre aderir a um clube e passar no exame do Medalhão de Bronze era um período de aprendizado (às vezes muito intenso) sobre a vida e as demandas do clube.

contendas com o Centro Estadual de salvamento no mar da WA.¹⁰ A polêmica eclodiu a partir de uma ridícula “quebra” dos regulamentos de patrulhamento da praia: o fato de que o esquí de salvamento não tinha um botoque (tampa) adequado,¹¹ mas uma rolha, e, por isso, o clube foi imediatamente suspenso do Campeonato Estadual que se aproximava. A decisão enfureceu o secretário do clube (um advogado, ao qual se referiam como *Grande Jimbo*), que se recusou a aceitá-la, assim como a do Comitê de Apelação, que negou o recurso do clube:

Ensandecido, esbravejou com o Comitê de Apelação por sua inépcia e prometeu que haveria uma na mesa do Centro Estadual no dia seguinte. Cumprindo sua palavra, preparou uma intimação, com cópia para o Centro Estadual, informando que ele daria entrada na apelação na Suprema Corte, e buscaria uma injunção impedindo o Centro Estadual de conduzir o Campeonato Estadual até que a questão de o que é um botoque fosse esclarecida – a menos que essa questão fosse resolvida de forma racional e a suspensão de North Cott de competir no Campeonato Estadual fosse revogada.

O Centro Estadual, sabendo que seria ridículo “se algo tão pequeno quanto se um botoque é um botoque, caso feito de espuma e não de cortiça, fosse parar na Suprema Corte”, acabou recuando.

O ponto é: por toda a Austrália, algum indivíduo, grupo ou clube estava, e está, constantemente desafiando um ou mais dos muitos níveis de direção do salvamento no mar – membros que usavam barco em conflito com o conselho diretor do clube; clubes questionando a jurisdição de uma associação; indivíduos ou clubes apelando contra penalidades impostas pelos estados; e estados às turras com a Associação Australiana de

¹⁰ O texto, intitulado “The Great Jimbo”, será o prólogo da história de North Cottesloe e foi escrito por Steve Wilson. O restante do parágrafo foi retirado dele.

¹¹ Esquis de resgate ocios precisavam ser periodicamente drenados; portanto, havia um buraco com um aro de metal, pelo qual se escorria a água; ele geralmente era fechado com uma tampa de rosca. Quando ela era perdida, colocava-se uma rolha. “Botoque” refere-se a qualquer objeto usado para tapar o buraco.

Salvamento no Mar.¹² Dúzias de historiadores de clubes documentam períodos específicos de flexibilização ou quebra das regras, às vezes como resultado da mesma postura expressa pelo *Grande Jimbo*: “Não se preocupe com o que eles [alguma autoridade superior] querem, apenas faça o que queremos e depois resolvemos o resto”.¹³

Se muitos viam o ridículo de algumas das regras pelas quais o salvamento no mar era conhecido – e seguiam seu próprio rumo, independentemente das consequências –, outros trabalharam duro, de diferentes maneiras, para mudar o movimento. Houve membros que se irritaram com o forte conservadorismo do movimento. Durante a longa presidência do juiz Adrian Curlewis, pouco podia ser feito, mas, quando ele deixou o cargo, em 1975, abriu-se a oportunidade para mudanças nunca imaginadas por aquelas figuras musculosas tão memoravelmente capturadas para nós pelo fotógrafo Max Dupain nos anos 1940 e 1950.

Em seu relatório da temporada 1975-1976, em meio a uma década tumultuada da vida australiana, o capitão do Clube de Salvamento no Mar Collaroy, John Bradford, escreveu:

Olha-se muito para o passado no movimento do salvamento no mar. Vivemos em um mundo em constante mudança. Como pode o salvamento ficar estático numa época tão dinâmica? Com notáveis exceções, a maneira de encarar o salvamento e a postura de muitos dirigentes do movimento são relíquias da década de 1930. A menos que essas posturas mudem, o movimento vai morrer antes de 1985 (apud BRAWLEY, 1995, p. 291-292).

Como muitos no salvamento no mar daquele tempo, dentro e fora de Nova Gales do Sul, Bradford podia ver as práticas lamentáveis por detrás da fachada, como o estilo disciplinar militar altamente impopular, o excesso de confiança em métodos de salvamento ultrapassados, e a recusa míope de abrir espaço para debate e autocrítica. Na visão de Bradford, assim como na de outros, o auge do carretel, linha e cinto como principal método

¹² Por isso, sob o título “Disciplina”, os estatutos de muitos clubes traziam uma quantidade excessiva de normas.

¹³ Wilson, “The Great Jimbo”.

de resgate, e tudo que eles simbolizavam, havia acabado (BRAWLEY, 1995, p. 291-292).

Suas opiniões eram compartilhadas pelo altamente respeitado Administrador do Estado de Queensland, Jack McMaster, para quem “agora é o tempo de fazer um balanço, parar e contemplar, e então engatar a primeira marcha e fazer o que precisa ser feito; mudar” (LONGHURST, 2000, p. 220). Um clube? Um estado? Que tal a própria Associação Australiana de Salvamento no Mar e seu Conselho Nacional? A partida de Curlewis quase coincidiu com a chegada do primeiro Diretor Executivo, o obsessivo Gus Staunton, e ele não estava disposto a encarnar o Nero das ondas enquanto Bondi afundava:

Em novembro de 1977, nosso Superintendente Geral (...) presidirá uma conferência do Conselho de Notáveis, durante a qual será realizada uma ampla revisão de nossos manuais de treinamento, instrução e exame. Haverá uma reestruturação completa de nossos prêmios e o treinamento para o medalhão de bronze será completamente atualizado, com grande ênfase na habilidade física do candidato de realizar variados resgates, usando prancha, esqui, tubo de resgate e cinto (...).¹⁴

É o caso de se pensar para que se precisava de uma conferência, se havia tanta certeza quanto aos desdobramentos. Durante a maior parte do período em que esteve no controle, a mensagem de Staunton foi “não busque respostas no passado, olhe para a frente, olhe em outra direção”.

O resultado? Em sua recente história do salvamento no mar em Queensland, *Preserving Lives, Preserving Values (Preservando Vidas, Preservando Valores)*, Robert Longhurst (2000) observa que:

O salvamento no mar em Queensland e em toda a Austrália passaria por uma transformação radical entre 1975 e 1990. O que fora uma organização voluntária masculina por mais de meio século, sobrevivendo através da arrecadação de rifas de frango e pedágios em sinais de trânsito, tornou-se, em menos de uma geração, uma atividade de família, uma organização de serviços comunitária de ampla base nacional, usando e lançando o mais moderno em termos de tecnologia e marketing. O movimento do

¹⁴ Surf Life Saving Australia, 70th Annual Report, p. 6.

salvamento no mar também se tornou uma referência reconhecida no treinamento esportivo e de liderança dos jovens australianos (p. 219).

Ele poderia ter acrescentado que a transformação também incluiu participação plena das mulheres, apesar dos esforços dos membros misóginos do movimento, especialmente em Nova Gales do Sul.

Contudo, os rebeldes que lutaram contra a autoridade, e aqueles determinados a implementar mudanças significativas, não obtiveram sucesso em alterar a retórica do salvamento no mar. E isto às vezes confunde aqueles que observam o desenvolvimento do movimento. A retórica pública sempre foi, e continua a ser, essencialmente conservadora – às vezes, bancando avestruz. Um bom exemplo aparece no Relatório Anual de 1978 da SLSA, sobre uma questão que ainda produz basicamente a mesma resposta:

Devemos todos constantemente nos lembrar do papel legítimo da competição no sistema da SLSA. As competições são usadas como um estímulo para que os membros adquiram e mantenham a forma – o que, de outra maneira, talvez não fosse possível. Ademais, através das provas que testam nossas habilidades de salvamento – uns contra os outros -, estamos mais bem preparados para o momento de perigo, quando uma vida humana pode depender do equilíbrio de nossas habilidades.¹⁵

Bradford estava correto: a retórica do salvamento no mar comumente refletia um período muito mais antigo, daí a dos anos 1980 parecer enraizada nos 1950, apesar das mudanças. Termos como “parada”, “patrulhas”, “exercício”, “oficiais”, junto com crenças como “nenhuma vida perdida quando há patrulhas vigiando” (houve mortes em quase todos os estados), “nade entre as bandeiras” (ignorado por uma proporção cada vez maior da população) e “Vigilância e Serviço” (quase um mantra) contrastam claramente com as realidades de equipamentos de resgate poderosos, individualismo (simbolizado na disputa do

¹⁵ Surf Life Saving Australia, 71st Annual Report, p. 11.

iron man) e crescente flexibilidade.¹⁶ A retórica às vezes despreza essas realidades – para prejuízo do salvamento no mar.

Finalmente: e os comentários de Booth sobre minhas conclusões a respeito das mulheres no salvamento no mar (as membras esquecidas) antes de 1980? Dos anos 1920 até, pelo menos, os 1960, houve muitas que, com 18 a 20 anos de idade (ou mais), se recusaram a deixar que sua participação ficasse restrita às atividades auxiliares para arrecadar fundos. Esses grupos foram barrados de qualquer atividade de salvamento nas praias; elas faziam tortas, limpavam cômodos do clube e organizavam atividades sociais, papéis que algumas jovens mulheres não estavam dispostas a aceitar.

Em muitas instâncias, as mulheres que gostavam de competir foram deliberadamente excluídas das histórias dos clubes, apesar de um conjunto de fontes revelar que, em Queensland, elas certamente competiram no final dos anos 1920 e início dos 1930, assim como em várias associações de Nova Gales do Sul, nas mesmas décadas, e também nos 1950 (JAGGARD, 1999). Em março de 1953, a associação de Sydney, o maior agrupamento de clubes de Nova Gales do Sul, somou-se à Associação de Salvamento no Mar em exclamações de horror quando mulheres de 15 de seus clubes curtiram seu próprio festival em Maroubra.¹⁷ Trezentas participaram dos eventos na areia e na água, motivando a Associação a solicitar que os clubes que haviam emprestado equipamento às mulheres comparecessem a um comitê de julgamento!¹⁸ Ao mesmo tempo, ao norte, os festivais femininos eram realizados sem essa interferência de cima para baixo.¹⁹

¹⁶ O contraste entre retórica velha de décadas e novas realidades estava claro nos Relatórios Anuais das Associações durante os anos 1980.

¹⁷ Sydney Morning Herald, 9 Mar. 1953, p. 5.

¹⁸ Sydney Morning Herald, 15 Mar. 1953, p. 17; 8 Apr. 1953, p. 3. Meses depois, em setembro, noticiouse a existência de planos para a realização de outro festival na temporada 1953-1954, com a participação de 20 clubes.

¹⁹ A professora Noeline Kyle, da Queensland University of Technology, lembra os festivais femininos dos anos 1950 no artigo inédito “A marcha do tempo: mulheres na praia nos anos 1950!”, em posse do autor.

Na Austrália Ocidental, em diversos períodos entre os anos 1920 e os 1960, os clubes de salvamento no mar de Albany, Bunbury, Leighton, Cottesloe, North Cottesloe, Cidade de Perth, Scarborough, North Beach e Geraldton tinham clubes femininos associados a eles, e apenas dois eram influenciados diretamente pela Sociedade Real de Salvamento (RLSS), que encorajava a participação ativa das mulheres em todas as atividades.²⁰ Uma história de competição ininterrupta por mais de 40 anos sugere que essas mulheres da WA, como suas contrapartes de Queensland e Nova Gales do Sul, encontraram seu nicho fora das atividades auxiliares de arrecadação de fundos às quais os homens tentaram confiná-las, e fora dos postos de patrulhamento dos quais haviam sido banidas.

Nada disso altera o fato de que, até 1980 – e, em alguns clubes, muito depois –, o salvamento no mar foi uma atividade masculina. De fato, a existência de clubes separados para as mulheres evidencia isto – e também aponta a preocupação que os clubes de salvamento masculinos tinham em relação a mulheres que corriam, nadavam e treinavam, porque, como argumentei em outro trabalho, elas desafiavam as formas pelas quais os adeptos do salvamento no mar definiam sua masculinidade.

Por exemplo, em 1974, o clube North Steyne (Sydney) foi um dos que encorajaram jovens mulheres a treinar para o Medalhão de Bronze, passaporte para ser um membro efetivo do patrulhamento.²¹ Naquele tempo, as mulheres eram proibidas de se submeter ao exame para o prêmio, mas havia uma linha de pensamento que acreditava que, se as mulheres demonstrassem suas habilidades no treinamento, isto poderia pressionar a Associação a suspender a proibição. Naquilo que foi visto como um impulso para a campanha, uma equipe de mulheres da Nova Zelândia, que recentemente excursionara pelo Sri Lanka, foi convidada a exibir as habilidades de suas membras em North Steyne. Num mar agitado, elas nadaram,

²⁰ Os dois clubes influenciados pela RLSS eram Cottesloe e Cidade de Perth.

²¹ Arquivo: “Females Seminar”, N.S.W. State Centre S.L.S., State Center Archives, Narrabeen, New South Wales; Sun Herald, 2 Feb. 1975, p. 7.

realizaram exercícios, nadaram com o cinto de resgate – atividades apreciadas pelos homens adeptos do salvamento no mar na Austrália. O relatório informa que as habilidades das mulheres eram impressionantes.²² Pouco após, quando perguntado sobre a disposição de aceitar as mulheres como membros plenos, o clube North Steyne se opôs por unanimidade a tal ruptura.²³ A reviravolta talvez tenha sido uma consequência da exibição e do óbvio desafio ao até então intocável mundo masculino dos adeptos.

A presença de mulheres competindo no mar antes de 1980, quando eram proibidas de se submeter ao exame para o Medalhão de Bronze, levanta a questão das fontes. Booth questionou anteriormente o valor dos exemplos da Austrália Ocidental, mas quando há outros de Nova Gales do Sul e Queensland, espalhados por várias décadas, quantos são necessários para que as evidências sejam convincentes? Meu argumento não é que as “membras esquecidas” podem ser encontradas em todos os clubes e estados antes de 1980; em vez disso, aquelas que lutaram pelo direito de competir não devem ser excluídas da história do salvamento no mar, mas incluídas, junto com as muito mais conhecidas mulheres ajudantes.²⁴

O movimento do salvamento no mar vem, ao longo de sua história, acomodando um leque surpreendente de posturas e comportamentos. Não obstante, eles foram, em grande medida, escondidos do público, porque a posição destacada do movimento nas praias continuamente dependeu da projeção da imagem que melhor servisse a seus interesses – um exército monolítico, disciplinado, conformista, masculino e praiano servindo ao público. A imagem foi o produto das patrulhas nas praias, das competições e da retórica que ignoraram a multiplicidade de realidades – inclusive as mudanças amplas dos anos 1970 e 1980, quando o movimento redefiniu a si mesmo. Enquanto esse artigo pode ser julgado por alguns,

²² Arquivo: “Females Seminar”.

²³ Ibid.

²⁴ Os clubes permitiam tranquilamente a existência das ajudantes porque elas não ameaçavam sua hegemonia nas praias. Eles podiam controlar essas mulheres e definir seu espaço, e se beneficiavam das atividades de arrecadação de fundos realizadas por elas.

particularmente Booth, como mais uma tentativa de “mediação histórica”, seu propósito real é reiterar o que afirmei em outro lugar: as diferenças entre a face pública do salvamento no mar australiano e as realidades internas são uma das chaves para se compreender sua história.

Referências bibliográficas

BRAWLEY, Sean. *Vigilant and Victorious: A Community History of the Collaroy Surf Life Saving Club, 1911-1995*. Sydney: Collaroy Surf Life Saving Club, 1995.

BRAWLEY, Sean. *Beach Beyond: A History of the Palm Beach Surf Club, 1921-1996*. Sydney: University of New South Wales Press, 1996.

BRAWLEY, Sean. ‘Our Lifesavers’: The Royal Life Saving Society and the Origins of Surf Lifesaving in Federation Sydney. Manuscrito inédito em posse do autor. 2000.

JAGGARD, Ed. Chameleons in the Surf, *Journal of Australian Studies*, v. 53, p. 183-191, 1997.

JAGGARD, Ed. The Australian Surf Lifesaver as a National Symbol, 1920-60. In: DAY, David (ed.). *Australian Identities*. Melbourne: Australian Scholarly Publishing, 1998, p. 58-72.

JAGGARD, Ed. Australian Surf Life-saving and the Forgotten Members. *Australian Historical Studies*, v. 30, p. 23-43, 1999.

LONGHURST, Robert. *Preserving Lives, Preserving Values: A History of Surf Life Saving in Queensland*. South Brisbane: Surf Life Saving Queensland, 2000.

PEARSON, Kent. *Surfing SubCultures: A Comparative Analysis of Surf Life Saving and Surf Board Riding in Australia and New Zealand*. Tese de Doutorado - University of New England, 1977.